

ATENDIMENTO EMERGENCIAL DE TRAUMA EM COELHO DOMÉSTICO (*Oryctolagus cuniculus*)

Bárbara Brandão de Morais^{1*}, Joana de Bairros Neris², Daniel Amaral Bezerra¹, Camilla Faria Soares⁴, Julia Penna de Andrade⁴ e Adriano de Abreu Cortez⁵

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil – *babsmoraisvet@gmail.com

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Federal de Pelotas - UFPel – Pelotas/RS – Brasil

⁴Residente em Saúde Animal Integrada a Saúde Pública com ênfase em interface Saúde Humana e Silvestre – Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil

⁵Docente no Curso de Medicina Veterinária – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho – Muzambinho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

O coelho doméstico (*Oryctolagus cuniculus*) pertence à ordem Lagomorpha e família Leporidae, tendo seus ancestrais provenientes do oeste da Europa e nordeste da África⁵. Existem mais de 50 raças de coelhos e incontáveis misturas⁵. Há muito tempo os lagomorfos deixaram de ser animais utilizados apenas na indústria alimentícia, na caça e no comércio de peles. Hoje, ocupam espaço importante como animais de companhia¹. Os coelhos possuem comportamento arredio e tímido devido a sua posição de presa na cadeia alimentar, podendo exibir comportamento de fuga na presença de condições estressantes. Dessa forma, acidentes com esses animais sob cuidados humanos podem vir a ocorrer em casos de manejo e contenção inadequadas². É comum nesses animais a ocorrência de fraturas e luxações da coluna vertebral lombar devido ao seu esqueleto frágil e musculatura bem desenvolvida nos membros pélvicos e a contenções inadequadas¹. O objetivo deste trabalho é relatar o diagnóstico e o tratamento realizado diante de um atendimento emergencial de traumatismo em um coelho doméstico.

RELATO DE CASO E DISCUSSÃO

Foi encaminhado para atendimento no Hospital Veterinário da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais no verão de 2024 um indivíduo de coelho doméstico (*Oryctolagus cuniculus domesticus*), adulto de um ano de idade, fêmea e 1,3kg. Os tutores alegaram que o animal foi vítima de atropelamento. Ao realizar o exame clínico, constatou-se que os parâmetros vitais se encontravam dentro da normalidade apesar de alterações neurológicas. O exame clínico específico revelou anisocoria, nistagmo e perda da sensibilidade dolorosa nos membros posteriores. O coelho também apresentava uma lesão de deslucamento no tórax direito em toda extensão das costelas, condizente com o histórico de atropelamento. A pressão arterial sistólica aferida foi de 60mm/Hg, valor inferior ao normal que seria 92,7–135mm/Hg². Logo após, o paciente foi encaminhado para realização de exame radiográfico, onde foram realizadas as projeções latero-lateral esquerda e ventro-dorsal (Figura 1 e 2). Após a finalização da radiografia, o animal começou a apresentar hipotermia e foi encaminhado para a unidade de tratamento intensivo (UTI), na qual foi aquecido em incubadora com temperatura controlada e com o auxílio de bolsas térmicas. Foi realizado um acesso em veia cefálica do membro torácico esquerdo para a medicação endovenosa. O tratamento inicial se deu com solução hipertônica 7,5% na dose de 4ml/kg via intravenoso (IV), tal solução era constituída de 1/3 de volume de cloreto de sódio 20% e 2/3 de volume de solução fisiológica 0,9% tendo em vista a hipotensão e hipotermia observada. Além disso, foi administrado norepinefrina 0,7 ug/kg/min em infusão contínua por acesso endovenoso, morfina 1.2-5mg/kg via intramuscular (IM), tramadol 4.4 mg/kg (IM), simeticona 75mg/kg (VO) e metoclopramida 0.2-0.5 mg/kg (SC)³.

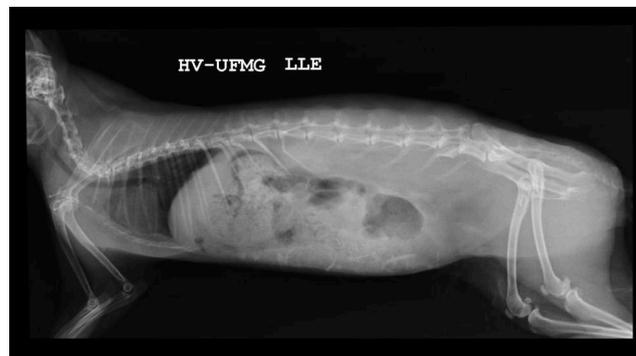


Figura 1: Radiografia latero-lateral esquerda de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) evidenciando fratura do corpo vertebral de L5e presença de gás no trato gastrointestinal (Fonte: Hospital Veterinário da UFMG).



Figura 2: Radiografia ventro-dorsal de coelho (*Oryctolagus cuniculus*) evidenciando fratura de vértebra lombar e presença de gás no trato gastrointestinal (Fonte: Hospital Veterinário da UFMG).

Diante dos sinais clínicos apresentados pelo paciente, o diagnóstico se deu por traumatismo crânio encefálico (TCE) e fratura vertebral de L5 com luxação articular entre L5-L6. e lesão sugestiva de secção medular⁴. A artulaçãoção L5-L6-L7 de coelhos apresenta movimento paradoxal na posição flexão, o que poderia contribuir para a elucidação do mecanismo de fraturas comuns em L5-L6-L7 nessa espécie⁴. Neste caso, foi avaliada a possibilidade de intervenção cirúrgica para redução da fratura vertebral, porém essa opção foi descartada no momento devido à instabilidade hemodinâmica com hipotensão e hipotermia do paciente. Além disso, a tomografia computadorizada neste caso seria mais indicada para prover a avaliação específica da fratura e avaliar quanto ao prognóstico. Em leporídeos, a cauda equina é muito curta e a medula espinhal se estende até a região sacral, portanto, traumas da coluna lombar caudal geralmente levam a lesões na medula espinhal⁵. Há pouca informação sobre o tratamento cirúrgico dessas lesões nesta espécie⁶. Visando a analgesia, foi realizada a administração de opioides, como, a morfina e o tramadol. Observa-se também a presença exacerbada de gases em alças intestinais, sugestivo de estase gastrointestinal, cujo tratamento inclui o fornecimento de analgésicos e procinéticos¹. A metoclopramida, estimulante de motilidade, e a simeticona foram administradas como terapêutica a estase identificada, auxiliando na redução do desconforto associado com o excesso de gases³. A regulação térmica é muito importante para pequenos mamíferos, devido a grande proporção de superfície corpórea/volume corporal, que favorece a perda de temperatura para o ambiente¹. Em casos de hipotermia, é necessário aquecer o animal com auxílio de bolsas com água morna¹, conforme realizado no atendimento deste paciente. O



XIII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

animal permaneceu na UTI por 24 horas recebendo a medicação indicada, porém continuou apresentando piora no quadro neurológico com perda de consciência e incapacidade de manter a temperatura e pressão sistólica.

A eutanásia foi considerada e eleita devido ao prognóstico desfavorável em relação ao retorno dos movimentos das membros posteriores do animal, ao quadro de TCE que não apresentava melhora clínica e à impossibilidade de garantir qualidade de vida e bem estar a esse indivíduo. De forma individualizada, os critérios adotados para indicação da eutanásia incluem animais gravemente feridos, com impossibilidade de tratamento e indivíduos com doenças terminais em intenso sofrimento^{6,7}. De acordo com o princípio das cinco liberdades de Azevedo (2020)⁸, a busca pelo bem estar animal envolve imprescindivelmente que este seja capaz de expressar seus comportamentos naturais e seja livre de dor e sofrimento. Assim, considerando a gravidade da lesão e a dificuldade de tratamento, juntamente com o conceito de bem estar animal baseado no princípio das cinco liberdades, foi feita a opção pelo procedimento de eutanásia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido a complexidade do caso e a baixa possibilidade de recuperação total dos membros posteriores, o que acarretaria em perda da qualidade de vida para o paciente, optou-se pela não intervenção cirúrgica e a realização do procedimento de eutanásia. O uso de coelhos em pesquisa, bem como a crescente popularidade como animais de estimação, enfatiza a necessidade de informações detalhadas sobre a anatomia das vértebras dos coelhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cubas, ZS, *et al.* **Tratado de Animais Selvagens** – Medicina Veterinária. 2ª ed. São Paulo. Editora Roca LTDA. 2014.
2. Jepson, L. **Clínica de Animais Exóticos** - Referência Rápida. 1º ed. São Paulo. Editora Elsevier, 2010.
3. Carpenter, J.W. **Exotic Animal Formulary**. 5º ed. São Paulo. Editora Saunders, 2017.
4. Lacowics, C. **Estudo Morfométrico Tomográfico e Biomecânico Ex Vivo de Coluna Lombar Comparativo entre Cão e Coelho**. Dissertação de Pós-Graduação. Curitiba. 2019.
5. Schoch CL et al. **NCBI Taxonomy: a comprehensive update on curation, resources and tools**. Database (Oxford). 2020
6. OLIVEIRA, Humberto Pereira; ALVES, Geraldo Eleno Silveira; REZENDE, Cleuza Maria de F. Eutanásia em medicina veterinária. **Escola de Veterinária**, v. 1, p. 1-14, 2003.
7. CONCEA, Diretrizes da prática de eutanásia do CONCEA
8. AZEVEDO, Hierro Hassler Freitas et al. Bem-estar e suas perspectivas na produção animal. **Pubvet**, v. 14, n. 1, p. 1-5, 2020.

APOIO:

UFMG



Escola de Veterinária
UFMG